Leodegaria de Jesus

COROÔA DE LYRIOS

VERSOS

com um prefacio do Dr. Felicio Buarque.

199601 65
G869.0(81)-1 JES /
1000048778

Typ. a vapor "Livro Azul"
CAMPINAS

Leodegaria de Jesus

COROA DE LYRIOS

VERSOS

com um prefacio do Dr. Felicio Buarque.



1906
Typ a vapor "Livro Azul"
CAMPINAS

Doado à Biblioteca Central da UFG, na gestão de Cláudia O. M. Bueno, por Darcy França Denófrio.
Em 08-2-95.

PREFACIO

O trabalho, de que me occupo, revela uma vocação poetica atravez de cada uma de suas producções. Não é uma dadiva completa, mas encerra, sem duvida, uma esperança fagueira, como revelação das primicias de um talento ainda em pleno despontar de suas faculdades.

Assim como a creança, ao lançar os primeiros passos, precisa de quem lhe dê a mão e possa guial-a com paciencia e carinho, os principiantes necessitam da indulgencia da critica, para que lhes releve as faltas inherentes ao seu estado. Impõe-lhe esse dever o fim a que se destina, sob pena de levar, as mais das vezes, o desanimo a vocações ainda no inicio de seu desenvolvimento, como succede em regra geral.

E' intuitivo esse criterio. O principiante, que não tem uma personalidade accentuada, não representa bem o que vê, nem exprime o que sente, por não estar ainda em pleno desenvolvimento de sua energia intellectual. E, assim, revela, quasi sempre, uma esperança, em vez da affirmação de um talento artistico. Si a critica, sob o fundamento de que a arte não admitte meio termo em suas creações, se tornar insensivel a esses conceitos, ha de levar o desanimo a vocações em inicio, privando-as da prestação de seu concurso artistico á sociedade.

Assim pensamos e temos praticado, sempre que se nos apresenta qualquer trabalho de principiante.

* * *

A *Corôa de Lyrios* é trabalho de uma principiante que lança os primeiros passos no caminho da arte, arrastada por uma vocação que a impelle e domina.

As grandezas naturaes das paragens, em que viu pela vez primeira a luz do dia, deram-lhe o principal incentivo para ensaiar seus vôos ás regiões da poesia. E as

descripções de quadros da natureza, a par das «lêdas phantasias» que lhe acariciavam a infancia, formam a feição predominante desses *lyrios* de sua alma, com que fez uma corôa para lhe adornar a fronte.

São as primicias de seu estro, diante da natureza a que sua alma se mostra sensivel, reflectindo-lhe as impressões, gravadas com a intuição que lhe preside o continuo agitar de sentimentos.

São condições para a existencia da arte: a natureza, como repositorio inesgotavel do bello, e o artista, como elemento de transmissão das successivas e variadas impressões reflectidas em seu espirito, á semelhança de espelho a transmittir a imagem dos objectos que se lhe apresentam. Sendo a arte «um canto da natureza, visto atravez de um temperamento» é faculdade caracteristica do artista crear symbolos e revestil-os com a belleza da forma, afim de perpetuar e transmittir a emoção do quadro que observa e se lhe reflecte no espirito. Mas para conseguir esse fim supremo, se lhe faz necessaria a inspiração da forma que lhe adorne o pensamento com expressões delicadas e correspondentes. Não basta, pois, uma elevada concepção: é preciso revestil-a com um certo adorno, capaz de communicar e per-

petuar a impressão recebida, com equivalencia de pensamento e de forma.

A ideia, sem esse atavio, é como um corpo grosseiro, cujas formas proprias não poderiam por si só transmittir emoção e fallar, por conseguinte, ao sentimento.

* * *

Embora sem o apuro da forma, a joven auctora da *Corôa de Lyrios* tem concepções artisticas, faltando-lhe apenas a graciosa roupagem, cujo gosto bem caracterisa os espiritos iniciados nos segredos da arte.

Ha, pois, uma certa falta de equivalencia entre o pensamento e a forma para corresponder ao ideal artistico, objectivo que poderá ser conseguido com um pouco de trabalho e de tempo. Não se pode, porém, exigir mais de uma moça de 17 annos, em um *meio* pouco favoravel ao desenvolvimento da arte ou das letras. Entretanto, é justiça confessar que o trabalho em objectivo é muito promissor e, por conseguinte, muito cheio de esperanças susceptiveis de converter-se em realidade, uma vez que sua auctora procure aperfeiçoar-se,

estudando e corrigindo seus defeitos naturaes, nas obras dos mestres. E a prova de nossa affirmativa está nas composições denominadas: *Ninho vasio*, *Chromo*, *Jatahy*, *Contraste*, *Quadro*, *Enlevo*, e algumas outras, muito embora a maioria dellas atteste revelação de sentimento poetico.

A questão consiste apenas em bem traduzil-o e transmittil-o com arte.

São sempre assim as primeiras producções ou ensaios, até que o artista complete sua personalidade e saiba lançar os seguros traços de sua obra, com sentimento educado, gosto e perfeição. E' que a arte exige um continuo e fervoroso culto, em que se firme nas aras do Bello uma perfeita profissão de fé. E com relação ás Musas, não é menor a sua exigencia, para que o artista desenvolva o genio da poesia.

Seja, porém, como fôr, não ha duvida que a *Corôa de Lyrios* encerra um trabalho muito digno de animação.

Apresentando ao publico brasileiro a joven poetisa Leodegaria de Jesus, espero que elle a receba, tendo em vista o seu noviciado na divina cultura da poesia;

e que ella se esforce para cumprir a promessa que ora lhe faz.

São estes os meus sinceros e ardentes votos.

Uberaba, 14 de Junho de 1906.

Felicio Buarque.



A vós, meus presados paes, dedico meu primeiro livro, uma petala murcha de minha vida.

Homenagem de profundo respeito e gratidão

Leodegaria de Jesus.



Maray
Ofereço-te o último e único exemplar do querido "Coroa de Lyrios". Bem o merecer em agradecimento pelos belos e emocionantes escritos, sobre sua amada autora, Leodegária de Jesus. Eu também do fundo d'alma te agradeço; sensível e erudita senhora!

São os primeiros cantos de um pobre poeta.

Desculpae-os.

ALVARES DE AZEVEDO.

Moralia de Oliveira
BH. 4-2-993

Jesus, Leodegaria de

Coroa de lyrios versos

G869.0(81)-1/JES/cor

(65/96)



Aos patricios

Corôa de Lyrios—*eis o singelo titulo, sob o qual eu vos apresento o meu modesto livrinho.*

Aos quinze annos, nessa idade encantadora e poetica da existencia da mulher, nessa quadra, em que a vida se lhe apresenta, risonha, como as louras madrugadas de Maio, formosa, como um céo de primavera e meiga, como um sorriso de creança; foi então que sentí arder em meu coração infantil, a primeira scentelha do amor. Mas ai!... a fatalidade destruiu, de um só golpe, os bellos ideaes e os roseos castellos que edifiquei.

Vi fugir de uma vez o bando azul das lêdas phantasias que me acariciavam desde a infancia, imprimindo em minh'alma o sello eterno da melancolia e não deixando de esperança, sinão uma mirrada plantinha, da qual brotaram

alguns lyrios pallidos, os quaes colhi e formei esta singela Corôa *que examinaes agora.*

Dignae-vos, pois, caros patricios, acolher com benignidade o meu humilde livrinho, composto de estrophes despidas de belleza e elegancia, porém, nascidos, unicamente, de minh'alma.

Acceitae-o, como simples lembrança de uma das mais obscuras filhas desta encantadora terra.

Goyaz, MCMVI.

Leodegaria de Jesus.

Paisagem

A meu Pae.

DESPONTA a aurora; a estrella vespertina,
No espaço azul, vae desmaiando a medo;
Suspira a rôla; agita-se o folhedo
E a brisa oscúla a lympha crystallina.

Emquanto as auras brincam no arvoredo,
No bosque umbroso, uma canção divina,
De galho em galho, o pintasilgo trina
Ao desbrochar dos lyrios no silvedo.

Aqui, soluça um ribeirinho antigo,
Alli, depara-se um modesto abrigo,
Perfume exhala a pallida violeta.

E mais alem, pela campina em meio,
Linda creança corre, num anceio,
E em vão persegue jalde borboleta.



Mater

A' minha Mãe.

Mãe, é teu nome para mim um hymno
Maravilhoso, de celeste encanto.
Oh! como é doce, carinhoso e santo,
Pleno de graça, immenso, e até divino!

Minha mãe, minha mãe, só a teu lado,
Eu sinto-me feliz. O teu sorriso
E' para mim sonhado paraiso,
O teu sorriso puro immaculado.

Tu és meu anjo tutelar e amigo,
E's o thesouro que feliz bemdigo,
«Formosa estrella que encontrei na vida!»

Quizera ver-te, num altar brilhante,
E eu de joelhos, tua filha amante,
A venerar-te, minha mãe querida.

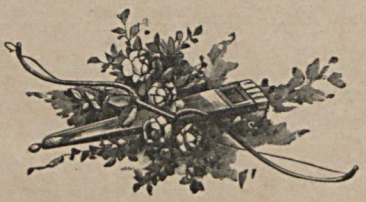


Simile

Ao Dr. Manuel Dias Prates dos Santos.

Quando vivemos, a sonhar amores,
Quando não temos a illusão perdida,
Quando noss'alma não padece dores,
Morrer é triste ! Como é linda a vida !

Mas si nos fere o espinho da tristeza,
Si maltratados somos pela sorte,
Si nos é dado o calix da incerteza,
Viver é triste ! Como é doce a morte !



Ninho vasio

Ao Dr. Felicio Buarque de Macedo.

Por entre as ramas verdes, perfumadas,
Que do ribeiro á margem vicejavam,
Entre o sorrir das flores delicadas,
Ninho gentil as auras balouçavam.

Dentro, um casal de passaros vivia,
Em idyllio continuo, descuidado,
E, docemente, a vida lhe corria,
Num transporte de amor immaculado.

Mas chega o inverno, em desamôr ferino,
E então expulsa as aves, de momento,
Do sorridente abrigo pequenino.

Hoje, esse ninho, a balouçar silente,
Ao sopro frio e rispido do vento,
Encerra em si um quadro commovente.

MAIO

A aurora surge, fulgente,
Cheia de encanto e alegria
Porque raiou, sorridente,
O lindo mez de Maria.

As avesinhas voejam,
Espalham doce harmonia,
Com bellos trinos festejam
O lindo mez de Maria.

Nos matagaes perfumados,
A brisa meiga cicia,
Beija os ramos aljofrados,
Saudando o mez de Maria.

Neste mez, um só queixume
Não se ouve. Quanta alegria!
Oh! como é doce o perfume
Da flor, no mez de Maria!

Como é bella a natureza!
Quanta doçura e magia
Encerra e quanta belleza,
O claro mez de Maria!



Osculo Materno

Ao Major Joaquim Elesbão dos Reis.

QUANDO ella entra, nesse asylo santo,
Ninho de amor, um Eden perfumado,
Mostra-se cheia de celeste encanto,
Ao ver o berço do filhinho amado.

E' que no berço existe o seu thesoiro,
E nelle vê o seu dourado sonho.
Alli, dormita o seu filhinho loiro,
Tão roseo e tenro, angelico e risonho.

Nos labios seus, um riso transparece,
E então, nos meigos olhos, lhe apparece
Um brilho puro, um radiante brilho.

Alli, se curva, cheia de ventura
E beija, com orgulho e com ternura,
A face rosea do primeiro filho.



Chromo

Ao Desembargador Mathias da Gama.

A tarde cae. O sol desapparece.
Seus loiros raios vão além fugindo.
A passarada notas desferindo,
Ao Creador eleva doce prece.

O colibri volita, doudejante;
Do rio as aguas correm, mansamente;
Alem, na serra, vagarosamente,
Pallida lua surge fulgurante.

A brisa passa, rescendendo olores,
E na campina, desabrocham flores,
Emquanto geme a jurity, na selva.

Queda, contemplo a natureza linda;
Mas ah!... me encanta, muito mais, ainda,
Um grupo loiro, a saltitar na relva.



Jatahy

E choro, sim, e suspiro
Por esses campos que amo.

C. A.

Não vês aquella campina,
De flores mil adornada,
Tanta palmeira plantada,
Tanta açucena e bonina?

Ao longe, brancas casinhas,
Não vês o lindo horisonte,
O murmurinho da fonte,
E o canto das avesinhas?

Essa campina alacr'ante
E' meu berço idolatrado,
E' Jatahy adorado,
Essa terra deslumbrante.

Foi nessa terra querida,
Nessa campina formosa,
Que s'escoou descuidosa,
A infancia minha florida.

Nas tardes bellas de Abril,
Eu deslumbrada, dizia:
Quanta belleza e magia,
Neste canto do Brasil!



Setembro

Ao Desembargador Martins Ribeiro.

Eis que nos vem, de novo, a primavera,
A linda quadra das mimosas flores.
A par do viço e festivaes rumores,
Um doce riso, em toda a parte, impera.

Aqui... e alli... no céo azul — turqueza,
Perpassam nuvens brancas, vaporosas,
Emquanto o campo ostenta-se, em belleza,
E alem resôam notas maviosas.

De borboletas prazenteiro bando,
Pelo vergel florido, esvoaçando,
Vae, num enleio doce, indescriptivel.

Em tudo eu vejo um riso de alegria,
Só, em minh'alma, paira a nostalgia,
Uma tristeza acerba, indefinivel!



Voluvel

De minha vida na vereda escura,
Eu deparei-te um dia.
Amei-te muito, amei-te, com loucura,
E feliz me sentia.

O meu caminho que era só de abrolhos,
De flores mil juncaste.
E, com a luz sublime de teus olhos,
A senda illuminaste.

Tempos passaram, céos! e me fugiste;
O teu amor faltou-me.
E desde então, saudade roxa e triste,
No seio vicejou-me.



Inverno

A' Ormesinda Santos.

Por entre nuvens lividas, sombrias,
No occaso o sol, tristissimo, declina.
A noite desce; um manto de neblina
Envolve, alem, as altas serranias.

Ronca o trovão; e a semear ruina,
Ulula o vento pelas cercanias.
Gemem florestas, bastas ramarias,
E o rio brame, em colera felina.

Nuvens rasgando, a chuva cae pesada ;
Cruzam-se os raios ; vejo então travada
Lucta terrivel entre terra e céos.

Ante este quadro horrendo, pavoroso,
Fende minh'alma o espaço tenebroso,
Pairando, humildemente, aos pés de Deus.



Estancias

A ti.

Quando me fitas esse olhar tão grave,
Tão doce e cheio de melancolia,
Fica minh'alma em extase suave,
Esqueço a vida, esqueço esta agonia
Que me tortura a alma, noite e dia,
Quando me fitas esse olhar tão grave.

Duma tristeza infinda de sol posto
São esses olhos lindos, sonhadores;
Nos quaes traduzo um perennal desgosto,
Nos quaes diviso um barathro de dôres.
Amo esses olhos cheios de dulçores,
Duma tristeza infinda de sol posto!

Oh ! que me importam rispidos martyrios,
Com que me cerca o fado traiçoeiro !
Si, nesses olhos tristes, como os cirios,
Que valem mais do que o universo inteiro,
Encontro sempre um balsamo fagueiro ?
Oh ! que me importam rispidos martyrios !



Contraste

A' Irahides de Oliveira Lisboa.

Tu és o lyrio ridente,
Ligado á rama florida;
Eu — a saudade pallente,
No chão, jasendo esquecida.

Tu és o dia risonho
De primavera formosa;
De inverno triste e medonho
Eu sou a noite trevosa.

Tu — borboleta doirada
Sorvendo o aroma das flores;
Eu — jurity desolada,
Triste gemendo de dôres.

Tu és o cravo nascido
Em rico vaso bordado;
Eu sou o goivo, pendido,
Em tum'lo pobre, isolado.

Alegre vives, sorrindo,
Feliz da dor vives fóra,
Emquanto eu triste, carpindo,
Morro da vida n'aurora.

Que enorme contraste existe
Entre nós! Ri-te a ventura;
Tu és alegre; eu sou triste,
Pois, só vivo de amargura.



Meus amores

A' Maria Theophila.

Eu amo a lua pallida e sombria,
A divagar, num céo primaveril;
Do passaredo a mystica harmonia;
Amo do céo o puro e claro anil.

Eu amo a luz do loiro sol poente
E do regato o triste marulhar.
Amo da rôla o soluçar pungente,
Amo de mãe um doce e terno olhar.

Os colibris eu amo, as borboletas,
Os lyrios brancos, candidas violetas
E a doce brisa, a perpassar queixosa.

Mas ha um ser que mais que tudo eu amo;
E que venero, a todo o instante, e chamo:
E' minha mãe tão santa e carinhosa.



A' minha Mãe

A ti, minhas endeixas mal cantadas.

Garret.

QUANDO ella falla, em branda voz formosa,
Eu julgo ouvir a symphonia meiga
Da passarada, quando jubilosa,
Um hymno entôa, na florida veiga.

Quando um sorriso divinal e puro
Lhe transparece no angelino rosto,
Envolto em luz, prevejo o meu futuro
E n'alma eu sinto um ineffavel gosto.

Mas, si adoece a minha estrella bella,
Ah! si mamã eu vejo, entristecida,
Penso, Jesus!... que vou ficar sem ella

Minha ventura, nella, só consiste,
Eu dera tudo, até a propria vida,
Para não vel-a, um só momento, triste.



Suspiros

Antes me odeies, que com dó profundo
Digas um'hora:—Porque veio ao mundo.
Quem havia de ser tão desgraçado!

GUIMARÃES PASSOS.

QUANDO tu passas, espalhando encanto,
Meu triste olhar te segue, apaixonado,
O' peregrino ser, por quem, ha tanto,
Trago no seio um coração chagado.

Então, eu fujo ; um doloroso pranto,
Cheio de fel, de magoas repassado,
Me inunda as faces pallidas, emquanto
Balbucio teu nome idolatrado.

Si eu não te visse... ah! se me esquecesses...
Talvez, (quem sabe?) inda curar podesses
Meu coração que tu despedaçaste.

Mas, não, é tarde, eu tenho o peito enfermo;
E só a morte poderá pôr termo
Ao desgraçado amor que me inspiraste!...



Divagando

A' Sinhá.

Que noite! que amenidade,
Que doce melancolia,
Na adormecida cidade,
A lua espalha, sombria.
Suaves brisas, ligeiras
Vêm embalar as palmeiras.

Nem uma nuvem vagueia,
Dos ares, lá, nas campinas;
Seguida a lua passeia
De estrellas mil argentinas.
Sonham amores, nos ninhos,
Os divinaes passarinhos.

No bosque reina a mudez,
A' frouxa luz do arrebol,
Em serena placidez,
Sonhando com o loiro sol,
No calix seu delicado,
Dormita o lyrio nevado.

Gosam do somno as delicias
Campos, flores, aves, tudo,
E ao sopro d'auras propicias,
Fica o proprio rio, mudo.
Só tu, minh'alma, coitada!
Vagas assim, desvairada.



Supremo goso

A...

Não dou valor ao sol mais perfulgente,
Diante destas joias peregrinas.

JOSE' CHAGAS.

QUANDO os teus olhos languidos, formosos,
Nos meus, se fitam, com ideal ternura,
Nesses olhares vagos, amorosos,
Vejo sorrir-me a vida, com doçura.

Quando em teus labios frescos e mimosos,
Paira um sorriso, cheio de brandura,
Então, minh'alma, ás regiões dos gosos,
Sinto evolar-se, plena de ventura.

Si te ouço a voz amena que deleita,
Mais que o cantar das aves peregrinas,
O' alma santa, de minh'alma eleita,

Muda-se logo o mundo em paraiso ;
As alegrias puras e divinas,
A me affagarem, ternas, eu diviso.



Impossivel

De mim fugiste já, mas eu não pude, ainda,
Deixar de te adorar e muito um só momento!
Ha muito, me lacera uma saudade infinda,
Intermino tormento.

E lucto e soffro e choro, ó céos! porém debalde.
Em vão tambem procuro, em vão, me convencer
De tua ingratidão; mas o' fatalidade!
Não posso te esquecer.

E sinto que me foge a vida, pouco a pouco,
Na mais tremenda lucta e num atroz soffrer;
O pensamento meu divaga, como louco,
Não posso te esquecer.



MUTAÇÃO

A' Elfrida Goulart Carneiro.

Eu adorava as flores delicadas,
Me fascinava a natureza em festa,
Amava, com loucura, as alvoradas
E a solidão profunda da floresta.

Eu muito amava as brisas peregrinas,
Das claras tardes de verão tão bellas,
As harmonias celicas, divinas,
E as pequeninas, rútilas estrellas.

Tambem amava as gárrulas rolitas,
Em torno aos ninhos, presos á ramagem,
A volitarem, ledas e catitas ;

Mas que mudança ! um dia te encontrei,
E para amar, sómente, a tua imagem,
Estrellas, flores, tudo desprezei !...



Saudade

Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está.

VARELLA.

No calix perfumado das violetas,
Nas nuvens pequeninas transparentes,
No brando volitar das borboletas,
Nas petalas do lyrio alvinitentes;

No perpassar das auras soluçantes,
No perfume das flores, no arrebol,
No marulhar das fontes lacrimantes,
Da noite na mudez, no loiro sol;

No brilho tremulante d'uma estrella,
No gorgeiar das aves, n'alvorada,
Na pallidez da lua triste e bella ;

Em tudo, emfim, que vejo neste mundo,
A tua imagem linda, idolatrada,
Procuro, triste, com tristor profundo.



Ultimo adeus

A tarde, bem me lembro, declinava,
Emquanto, na igrejinha, soluçava,
O sino:—Ave Maria.
Era a hora pesada da tristeza,
Em que se espalha, em toda a natureza,
Atróz melancolia.

Eu bem me lembro; passaros em bando,
Voavam, pelo espaço azul, ruflando,
Em busca de seus lares.
Não mais se viam jaldes borboletas,
Desabrochavam mádidas violetas
Embalsamando os ares.

Eu bem me lembro dessa tarde amena,
Em que minhalma, de saudades plena,
E plena de pezares,
Chorava, presa de amargura infinda;
Ias deixar-me, doce imagem linda
Dos meus azues sonhares.

Por fim, chegaste, tremulo, arquejante.
Sentí cahir por terra, nesse instante,
Roseos castellos meus.
Ias partir; em lagrimas banhada,
Disse-te então, com vóz estrangulada,
O derradeiro adeus.



TRISTE VIVER

A' Luzia de Oliveira.

Não sei porque, da vida n'alvorada,
Fugiu-me tão depressa a doce crença,
Lançando-me no peito a indifferença,
Deixando esta minh'alma contristada.

De encontro ás dôres de tristeza immensa,
Da sorte cruelmente abandonada,
Sosinha, vae minh'alma, desvairada,
Boiando á flor dos mares da descrença.

E sinto que meu peito desfallece,
Ao peso dessas magoas que padece,
A's garras do pezar atroz, profundo.

Comtudo não maldigo a minha sorte,
Pois, creio que virá um dia a morte
Tirar-me, finalmente, deste mundo.



Dôr occulta

A' Delmira Alves Pinto

Porque sombrio, triste e macilento,
Eu vejo o rosto teu?
Não vês, que assim, augmentas o tormento
Do triste peito meu?

Tornou-te fria, tão tristonha, incalma,
Alguma dôr secreta?
O' dize logo, mostra-me tua alma;
Eu hei de ser discreta.

Feriu-te acaso algum desgosto fundo,
O soffrimento, a dôr?
E, como a mim, já te aborrece o mundo,
O monstro seductor?

Não mais me occultes o cruel motivo
De tua magua antiga!
Eu saberei achar-te um lenitivo,
O' minha doce amiga!



ASPIRAÇÃO

Ao Dr. Gastão de Deus

Viver, alheia ás falsas alegrias
Desse ruidoso mundo, retirada,
Numa campina amena e povoada
De flores mil, d'aromas e harmonias;

Morar bem junto ás altas serranias;
Viver do mundo inteiro separada,
Numa casinha branca e sombreada
De verdejantes, densas ramarias;

Ter por amantes aves pequeninas,
Sonhar aos threnos do cantor alado,
E por amigas flores campesinas.

Vendo a meu lado, ó céos! sempre risonho,
De minha mãe o rosto idolatrado:
Eis, ó meu Deus, o meu continuo sonho!...



A' Maria Aurora

Tu tens, nos roseos passos da innocencia,
«Scintillações purissimas de auroras».

MARTINS CHAVES.

CORRE e canta e sorri, gentil creança,
De tua infancia na risonha estrada,
Emquanto n'alma pura, immaculada,
Brilha-te a estrella doce da esperança.

Canta e sorri, o' candida Maria,
Emquanto o peito não te fere o espinho
Do desengano e forram-te o caminho
As leves pennas, brancas, da alegria.

Canta e brinca e sorri, desfructa a vida,
Sê, pois, ditosa, minha irmã querida,
Mas não perguntes — porque choro tanto!

Quando, mais tarde, já mocinha fores,
E te surgirem, n'alma, os dissabores,
Dir-te-ei então a causa de meu pranto.



Quadro

A meu avô

Da solitaria e triste sala em meio,
Vê-se um mimoso e placido bercinho,
Cheio de rosas, de açucenas cheio,
Que mais parece um primoroso ninho.

Dentro do berço, á frouxa luz do cirio,
Vê-se, envolvida, toda em seda fina,
Tendo na fronte, a pallidez do lyrio,
Uma creança loira e pequenina.

De vez em quando, um longo, um delirante
Gemido corta a placidez reinante,
Nessa fria salinha, entristecida.

E' a inditosa mãe que, desvairada,
Chora de dôr atroz martyrisada,
O filho morto — seu pharol na vida.



Scismando

Pensava em ti, nas horas de tristeza,
Quando estes versos pallidos compuz.

Varella.

Em ti eu penso, quando o sol nascente
Doira o topete de longinquos montes,
E quando escuto o murmurinho brando
De solitarias, lacrimosas fontes.

Eu penso em ti, quando a alvorada accorda
Os palpitantes, ledos passarinhos,
E quando a musica, inebriada escuto,
Tão doce e terna, divinal, dos ninhos.

Eu penso em ti, si brandamente a brisa,
Beijar eu vejo do coqueiro a palma.
Eu penso em ti, si na celeste estrada,
Vagueia a lua, somnolenta e calma.

Eu penso em ti, ó alma idolatrada,
Quando a campina solitaria, vejo,
E quando ao lyrio o sol poente envia
Seu derradeiro e dolorido beijo.

Quando á tardinha, na afastada selva,
Sentida nenia geme a jurity,
Meu Deus, embora, tão sublime e triste,
Eu com delirio, vou pensando em ti!



Ave Maria

Ao Dr. Militino Pinto de Carvalho

DESCAMBA a tarde. Por detraz do monte,
Vai-se escondendo lentamente o sol;
Emquanto a longa curva do horizonte
Colora, de carmim, lindo arrebol.

Serena, desce a noite com tristeza,
Aos corações trazendo atroz saudade.
Como és sublime e bella, ó natureza,
Immersa nesta immensa soledade!

Cicia, mansa, a brisa, no silvedo,
E dulcida desprende uma harmonia
Da buliçosa coma do arvoredo.

Morre, na selva, o canto da avezinha.
Suspira triste o sino: — Ave Maria,
Alem, na velha torre da igrejinha.



Enlevo

Ao Coronel Luiz Alves Pinto

É noite e noite formosa!
Do céo na tela espaçosa,
Passeia a lua garbosa,
Calma, serena e gentil.
A brisa nos palmeiraes,
Defere canções ideaes
E dos floridos rosaes,
Vem doce aroma subtil.

No bosque, um brando cicio
Se faz ouvir; manso, o rio
Deslisa, mudo e sombrio,
Alem, na matta isolada.
Em cada estrella, um sorriso
Meigo, sublime, diviso,
E a terra num paraiso,
Julgo, meu Deus, transformada!

Diante desta grandeza
Suprema da natureza,
Fogem-me logo a tristeza
E os longos pezares meus.
Então, minh'alma parece
Que deste mundo se esquece
E murmurando uma prece,
Se ajoelha aos pés de Deus.

INDICE

	Pags.
Prefacio	3
Aos patricios	13
Paisagem.	15
Mater	17
Simile.	19
Ninho vasio.	21
Maio	23
Osculo materno	25
Chromo	27
Jatahy.	29
Setembro.	31
Voluvel	33
Inverno	35
Estancias.	37
Contraste.	39
Meus amores	41
A' minha mãe.	43
Suspiros	45
Divagando	47
Supremo goso	49
Impossivel	51
Mutação	53
Saudade	55
Ultimo adeus	57
Triste viver	59
Dôr occulta	61
Aspiração	63
A' Maria Aurora	65
Quadro	67
Scismando	69
Ave Maria	71
Enlevo	73



1906

Impresso nas officinas da Casa "Livro Azul" — CAMPINAS

A. B. de Castro Mendes



65/96

Este livro deve ser devolvido na última data carimbada.

U.F.GO.
BIBLIOTECA CENTRAL
CÓD. 12(5.GO)
Nº. 65/96
VALOR d-5000
DATA 10-01-96

G 869.0(81)3)

Prove que sabe honrar os seus compromissos, devolvendo com pontualidade este livro à BIBLIOTECA.

Jesus, Leodegaria de

Coroa de lyrios versos

G869.0(81)-1/JES/cor
DEVOLVER NOME LEIT. (65/96)